

## SITUAÇÃO DAS LÍNGUAS CLÁSSICAS NA BÉLGICA

Josef VEREMANS \*

Para se ter uma ideia muito concreta da situação do grego no ensino secundário belga, devemos previamente expor alguns pormenores quanto à estrutura deste ensino.

O nosso pequeno país dá-se "ao luxo" de ter duas comunidades: a comunidade flamenga (cuja língua oficial é o neerlandês) e a comunidade francesa (cuja língua é, evidentemente, o francês). Por conseguinte, o nosso país dispõe de dois ministros e de dois ministérios da educação nacional.

Mas para complicar as coisas (uma especialidade belga), cumpre notar que em cada comunidade há duas redes de ensino que vivem uma vida bastante independente: há a rede livre, principalmente de obediência católica, e a rede oficial (ensino neutro). Ambas as redes são subsidiadas pelo estado. Mas isso significa que na realidade dispomos de quatro redes:

- Comunidade francesa: rede livre;  
rede oficial;
- Comunidade flamenga: rede livre;  
rede oficial.

Desde 1970 uma inovação mudou fundamentalmente a imagem tradicional do nosso ensino secundário. Com efeito, a partir desse ano o ensino renovado fez a sua entrada triunfal na vida pedagógica belga.

Digamo-lo sem mais delongas.

O ensino renovado é desfavorável à subsistência das

---

\* Professor jubilado de literatura latina nas Universidades de Gant e de Bruxelas. Chama-se a atenção para a documentação sobre o ensino do latim na Bélgica publicada por J. Veremans em DIDACTICA CLASSICA GANDENSIA. Cf. especialmente vol. 17/18, 1977/78, 215-218.

línguas clássicas e sobretudo do grego. Os pessimistas (de que eu não faço parte!) pretendem, até, que com o ensino renovado soou o dobre de finados para o grego, pelo menos na rede oficial. Particularizemos as coisas:

1. A situação actual no ensino oficial é a seguinte: todas as escolas, sem excepção, adoptaram o ensino renovado: chamado Tipo I.
2. Na rede católica (a maioria absoluta na Flandres) coexistem o Tipo I (o renovado) e o Tipo II (o ensino tradicional) - a proporção dos dois tipos é de cerca de 50%.

Ora a situação do grego é sensivelmente diferente conforme o tipo de ensino.

Desde o ano escolar de 1983-1984 existe a possibilidade de frequentar quatro horas por semana de grego nos três últimos anos do ensino secundário (isto é, no 10º, 11º e 12º anos). Além disso, nos dois últimos anos (portanto no 11º e no 12º) os alunos têm a possibilidade de frequentar duas horas complementares de grego (mas esta escolha faz-se muitas vezes em detrimento de outras disciplinas ditas interessantes, modernas ou mais populares). Na prática poucos alunos aproveitam desta possibilidade. É preciso, aliás, um mínimo de alunos para constituir uma turma de grego.

Além disso, no 10º ano há a actividade complementar, chamada "termos científicos derivados de raízes gregas" (duas horas por semana).

Examinemos agora a situação no ensino livre ou católico, com os seus dois tipos de ensino:

- em primeiro lugar o Tipo II (ensino tradicional): no 8º ano de escolaridade: 4 ou 5 horas de grego; seguidamente, a partir do 9º ano até ao 12º ano: 4 horas de grego por semana (total: 20 ou 21 horas de grego por semana). No princípio (portanto no 8º ano) põe-se a tónica no conhecimento activo do grego (estudo da gramática); depois há uma transição gradual do estudo da gramática para a leitura dos autores (sem por isso negligenciar o aspecto linguístico).

Tudo isto constitui a situação ideal para a sobrevivência do grego.

- Tipo I (ensino renovado): no 7º ano de escolaridade, que é um ano comum (o famigerado tronco comum), pelo qual todos os alunos devem passar, há a actividade de ensaio, ou seja, dedica-se uma dezena de horas ao grego (espécie de iniciação rudimentar). Depois segue-se uma avaliação a fim de avisar os pais se, sim ou não, é oportuno para a criança começar o estudo do grego. A partir do 8º ano começa então o estudo do grego propriamente dito e isto durante 5 anos de estudo à razão de 4 horas por semana.

Ainda no Tipo I, está à disposição dos alunos um leque bastante amplo de opções (é quase um estudo à lista!). Assim, pode-se fazer grego sem fazer latim; pode-se combinar o grego com o estudo avançado das ciências matemáticas, ou grego mais línguas modernas; ou ainda grego mais ciências, etc... etc...

Além disso, está previsto um curso de iniciação de grego, à razão de 2 horas por semana, nos dois últimos anos. Ainda nos dois últimos anos existe igualmente um curso de opção de cultura grega (portanto um não linguistic course).

É esta a distribuição das horas nas duas redes.

Permiti-me ainda abordar brevemente a filosofia didáctica que está na base do estudo do grego. Vem a propósito falar aqui mais precisamente dos objectivos.

No primeiro ano de grego no ensino oficial (portanto no 10º ano) o programa prevê a seguinte divisão de actividades: 2/3 são dedicados ao estudo específico da língua; 1/3 ao aspecto cultural. Tratam-se cerca de 10 itens, que devem dar uma imagem tão ampla quanto possível da civilização grega (cf. por exemplo o manual FAMMA de Chantal Janssens). Cada item começa com um texto introdutório em neerlandês, seguido de um texto grego, um vocabulário e uma lista de perguntas ad hoc.

Nos dois últimos anos torna-se obrigatória a leitura temática. Aqui o ponto de partida deve ser, na medida do possível, a actualidade ou *der existentielle transfer*.

No ensino católico (no qual o número de horas é mais elevado no Tipo II) não está prevista a leitura temática. Lêem-se tradicionalmente os autores previstos nos programas.

No que respeita ao estudo da gramática, cumpre de novo fazer uma distinção entre o ensino católico e o oficial:

- Na rede católica pretende-se ainda atingir um conhecimento activo (até mesmo bastante aprofundado) do grego (dado o número de horas);

- Na rede oficial (onde há poucas horas à disposição dos docentes) o conhecimento da gramática não é um fim *in se*, mas pretende-se chegar a um conhecimento passivo dos fenómenos mais frequentes, e isto exclusivamente em função da leitura dos textos.

Enfim, devemos notar que no ensino oficial as instâncias competentes dão muita importância à leitura funcional, dinâmica e compreensiva; é esta leitura que é verdadeiramente a base didáctica do ensino do grego. A leitura é obrigatoriamente seguida de uma discussão concernente ao fundo do texto e que deve obrigar os alunos a tomar uma atitude activa e pessoal, face aos problemas que o texto levanta.